



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTORIA E GEOGRAFIA
CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA**

**A INTERVENÇÃO ESTADUNIDENSE EM SÃO DOMINGOS E A
PARTICIPAÇÃO DA FAIBRAS: SOCIABILIDADES ENTRE
BRASILEIROS E DOMINICANOS (1965-1966)**

GERALDO MARTINS DA SILVA

**CAMPINA GRANDE-PB
2009**

GERALDO MARTINS DA SILVA

**A INTERVENÇÃO ESTADUNIDENSE EM SÃO DOMINGOS E A
PARTICIPAÇÃO DA FAIBRAS: SOCIABILIDADES ENTRE
BRASILEIROS E DOMINICANOS (1965-1966)**

Monografia apresentada ao
Departamento de História e Geografia
da Universidade Federal de Campina
Grande - UFCG, como exigência para
conclusão do Curso de Bacharelado em
História.

Professor Orientador: FAUSTINO TEATINO CAVALCANTE NETO

**Campina Grande-PB.
2009**



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

GERALDO MARTINS DA SILVA

Monografia apresentada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Ms. Faustino Teatino Cavalcante Neto – UFCG

Ms. Uelba Alexandre do Nascimento – UFCG

Esp. José Pereira Júnior - UEPB

**CAMPINA GRANDE-PB
2009**

“A história política não é forçosamente uma história factual, nem é condenada a sê-lo”.

Fernand Braudel

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise historiográfica das intervenções dos Estados Unidos, coadjuvada pelo Brasil, na República Dominicana no ano de 1965. Com o feito de revelar a importância estratégica e histórica deste país, sua insurgência perante os conquistadores do passado, dos expansionistas e imperialistas contemporâneos. A saga do povo dominicano representa cinco séculos de luta, desde Cristóvão Colombo até Lindon Johnson, presidente estadunidense que na ocasião autorizou a intervenção militar em Santo Domingos. Através desta monografia, buscamos uma tentativa de ampliar a visão político-social que representou a agressão dos Estados Unidos, que mantinha sob sua égide o ditador Trujillo há três décadas, com um fiel aliado, face a um indesejável "Cuba de Fidel Castro". Após a morte deste déspota o povo caribenho procurou, através de um movimento libertador de caráter político-social democrata, reger seu próprio destino. Foi, portanto neste momento quando sofreu o golpe intervencionista dos Estados Unidos, que a revelia do Tratado das Organizações dos Estados Americanos invade aquele país num ato de autoritarismo, envolvendo o Brasil e alguns países latino-americanos subservientes a sua causa. Nesta conjuntura da política exterior, regida pela diplomacia dos canhões, que por motivos pífios em defesa do sistema capitalista, procurou legitimar-se seu ato opressor, arregimentando aliados e dando uma conotação enganosa que São Domingos seria uma "nova Cuba", pondo em risco a soberania dos países aliados panamericanos.

Palavras-chave: Expansionismo. Colonialismo. Intervenção. Invasão. Imperialismo.

SUMÁRIO

RESUMO.....	04
1. INTRODUÇÃO.....	06
2. A <i>PREDESTINAÇÃO</i> LATINA AMERICANA: EM FOCO A ILHA HISPANIOLA.....	08
2.1. Ilha Hispaniola: Colonização e Independência.....	08
2.2. A Ilha Como Alvo da Política do Big Stick.....	12
3. A HISTÓRIA ROMANCEADA DO DITADOR TRUJILLO.....	21
3.1. Um Romance Onde A Ficção e a Realidade se Aproximam.....	21
3.2. Início do Processo de Rachadura no Sistema Ditatorial Trujillista.....	26
4. FAIBRAS: UMA MISSÃO INTERVENCIONISTA.....	30
4.1. FAIBRAS: Uma Missão Intervencionista Brasileira e sua Relação com os Dominicanos.....	30
4.2. Brasileiros e Dominicanos: Uma Relação Possível.....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo analisar o intervencionismo estadunidense na República Dominicana, no contexto da década de 60. Partimos da assertiva de que naquele momento os Estados Unidos estavam colocando em prática a sua política expansionista e imperialista no espaço latino-americano e que a intervenção no país latino representava uma força da nação norte-americana de tentar conter naquele espaço qualquer tipo de ação comunista e, deste modo, para realização deste objetivo contou com a participação brasileira através da FAIBRAS.

Os motivos que nortearam este estudo emergiram de dois aspectos: inicialmente porque vivenciamos *in loco* a ação norte-americana em Santo Domingos e, deste modo, na qualidade de participante e historiador, consideramos significativo empreender um estudo deste porte, haja vista que foi um momento importante em nossa vida profissional assim como fez parte também de um contexto da história brasileira.

O outro motivo que nos conduziu a escolha deste tema foi por acreditarmos que esta pesquisa histórica é pioneira, pois verificamos a não existência de um outro trabalho de cunho acadêmico no nível de graduação que voltasse seu olhar sobre a temática aqui abordada. Deste modo, estamos contribuindo no sentido de aventar discussões sobre um aspecto da história latino-americana significativa de ser discutida e refletida a partir do viés acadêmico e também para divulgarmos como se processou a interferência norte-americana e envolvimento brasileiro na República Dominicana.

Para realização deste trabalho, fizemos uma pesquisa bibliográfica, buscando nas referências sobre o assunto o norte para concretização deste estudo. A interface entre história e literatura, deve ser mencionada uma vez que além da bibliografia utilizada no campo da história para depreender sobre a temática em questão, fizemos a interface entre literatura e história, e nos apropriamos da obra de Vargas Llosa – *A Festa do Bode* – um outro recurso que nos possibilitasse discutir o tema proposto.

Este estudo organizado em uma introdução e três capítulos, a saber: no primeiro capítulo intitulado *Predestinação Latino-Americana: Em Foco a Ilha*

Ispaniola, procuramos tratar a cerca das origens do continente americano, cujo marco civilizatório foi São Domingos, lugar onde o primeiro esboço da sociedade americana foi pensado. Neste capítulo, discutimos a trajetória dos povos americanos, sobretudo o papel importante que esta ilha tem na origem histórica dos povos latino-americanos e sua relação com os povos europeus, a partir dos chamados “descobrimientos”.

No segundo capítulo de título *A História Romanceada do Ditador Trujillo*, nos apropriamos do romance de Llosa, na qual o mesmo faz menção a questão dominicana. Nossa intenção nesta parte é de fazer uma análise a partir da obra deste romancista, traçar o perfil dos acontecimentos e personagens, que circundam no livro e que tem relação com o episódio da história latino-americana, ocorrida particularmente em São Domingos. Esta articulação entre a literatura e os acontecimentos que se verificam no transcurso da história de São Domingos, nos permite depreender melhor a cerca do momento significativo da história dos povos americanos e a maneira como os Estados Unidos empreendeu sua articulação política e econômica num jogo de poder e influência para fazer valer sua ação imperialista nos territórios latino-americanos na qual teve reflexo.

O terceiro capítulo recebeu o título de *FAIBRAS: Uma Missão Intervencionista*. Neste, procuramos delinear a participação brasileira no contexto da problemática dominicana, mostrando o posicionamento da política exterior brasileira através da ação do FAIBRAS. O momento histórico da realidade brasileira de então era de exceção notificada pelo regime político e a partir daquele contexto e da participação brasileira junto ao povo dominicano é que traçamos a trajetória brasileira naquele país, notabilizando sua ação e o modo como expressou sua prática intervencionista naquele território.

2. A PREDESTINAÇÃO LATINA AMERICANA: EM FOCO A ILHA HISPANIOLA

A “imaturidade” total, física (até os vegetais e os animais são mais primitivos, brutos, monstruosos ou simplesmente mais fracos, degenerados) é o signo da América (Latina) (DUSSEL, 1993, p. 19).

2.1. Ilha Hispaniola: Colonização e Independência

A chegada de Cristóvão Colombo à América, em 1492, teve como ato inicial uma investidura, através de um discurso laudatório¹ em nome dos reis católicos Isabel de Castela e Fernando de Aragão, cujo teor procurava tornar autêntico o que não lhes pertenciam. Esse discurso evocava poderes de *predestinação*, teoria religiosa confirmada pelo bispo Jaques Bossuet “Um rei, uma fé, uma lei” (SOUZA, 1976, p. 227).

A partir deste instante histórico o continente que ficaria conhecido como americano², em particular a Ilha de Guanaani, denominação dada pelos habitantes locais, tendo sido batizada por Colombo com o topônimo “El Salvador” (futura República Dominicana), bem como as terras além-mar descobertas e por descobrir, estava *predestinado* ao estigma da submissão das majestades européias.

Esta concepção vigente na época das Grandes Navegações contribuiu para as ações dos extermínios, explorações e servidão dos índios americanos. Nesse sentido, assim se expressa Galeno:

¹ “Em nome de sua Majestade (...) eu (...) seu servidor mensageiro (...) notifico e faço saber da melhor forma possível que Deus, Nosso Senhor único e eterno, criou o céu e a Terra (...) Deus Nosso Senhor confiou [todos os povos] a um único homem chamado São Pedro, de um modo que ele era o Senhor, superior a todos os homens e jurisdição do [senorio – y jurisdicion] (...). Um desses pontífices fez a doação dessas terras e deste continente do mar oceano aos reis católicos da Espanha. Quase todos que foram notificados [disto] receberam sua Majestade e o serviram e lhe obedeceram e o servem como súditos (...)” (SEED, 1999, p. 102).

² Segundo Janaina Amado e Luiz Carlos Figueiredo (No tempo das caravelas, p. 54), o primeiro mapa a registrar a palavra América foi o do cartógrafo Martin Waldseemüller (1507). Ele era fascinado pela figura e pelos escritos do navegador Américo Vespúcio, piloto da terceira viagem de Colombo à América. Quando Waldseemüller se convenceu de que Américo Vespúcio não fora o primeiro europeu a chegar ao novo continente, mandou apagar a inscrição América do mapa. Mas era tarde demais. Colombo, que tanto buscara glória e fortuna, não conseguiu nem dar nome ao continente ao qual chegou antes dos outros navegadores europeus.

Em 1581, Felipe II afirmara, perante o Tribunal de Guadalajara, que um terço dos indígenas da América tinha sido aniquilada e aqueles que ainda viviam eram obrigados a pagar tributos pelos mortos. O monarca disse, além disso, que os índios eram comprados e vendidos (GALENO, 1976, p. 49).

As origens da República Dominicana³ se confundem com as do Haiti. Ela foi conquistada por Cristóvão Colombo, que dando continuidade aos seus êxitos expedicionários das navegações do além-mar, em 1492, rumou em direção ao Haiti, levando a bordo nativos trazidos de San Salvador. Os colonizadores encontravam-se permeados de um imaginário sobre os habitantes locais que os deixavam tomados de grande temor. Segundo narra Camargo, Colombo

Entendeu também que longe dali havia homens de um olho só e outros com cara de cachorro, que eram antropófagos e que, quando capturavam alguém, degolavam, bebendo-lhe o sangue e decepando as partes pudendas (CAMARGO, 1984, p. 58).

No dia cinco de dezembro de 1492, Colombo avistou terra: era "Quisqueia", assim denominada pelos nativos. Era véspera do dia de San Nicolau, assim ele batizou com o nome do santo, registrando no seu diário de bordo impressões do lugar, como segue:

Lançou âncora num rio, não muito grande que banhava planícies e campos de maravilhosa beleza. Um cadoz saltou para o barco exatamente semelhante aos de Espanha; ora ele nunca vira peixe da mesma espécie dos de Castela. Avançou um pouco na terra, que é toda cultivada e ouviu cantar o rouxinol e outros pássaros análogos aos de Castela, achou mirra e outras árvores semelhantes às de Castela (WAHN-LOT, 1992, p. 58).

O navegador, tendo em vista que as duas partes da ilha (San Salvador a leste e San Nicolau a oeste) viriam a ter um grande papel em seu destino e impressionado com a semelhança com a Espanha, denominou-a de Ilha Hispaniola.

Este momento histórico, narrado pelos cronistas da época e por alguns dos historiadores contemporâneos como o "Encontro de Dois Mundos", é considerado

³ A República Dominicana é um país do Caribe que ocupa os dois terços orientais da ilha Hispaniola, que compartilha com o Haiti, sua única fronteira terrestre, a oeste.

por Dussel, na sua obra "O Encobrimento do Outro", como um equívoco e assim o mesmo se expressa:

Trata-se do eufemismo do "encontro" de dois mundos de duas culturas que as classes dominantes crioulas ou mestiças latino-americanas hoje são as primeiras a propor. O conceito de "encontro" é encobridor porque estabelece ocultando a denominação do "eu" europeu de seu "mundo" sobre o "Mundo do Outro", do índio (DUSSEL, 1993, p. 64).

A partir daquele instante histórico passara a ocorrer à pretensão de um choque arrasador, deletério e exterminador dos povos americanos; já *predestinados* pelos princípios fundantes da mentalidade vigente da realeza espanhola e respaldada pela Igreja Católica⁴.

O almirante, fascinado pela beleza paradisíaca e a semelhança das paragens caribenhas com as da Espanha, fundou, por ocasião da segunda viagem em 1493, a primeira cidade com características européias na América, "a Isabela", em homenagem a rainha Isabel de Castela, responsável pelo empreendimento do sonho temerário de Cristóvão Colombo na sua aventura além-mar. Assim sendo, "Hispaniola", tornou-se o marco "civilizatório" do continente americano, prosperando dentro das suas limitações. Em 1501, o então governador Nicolas de Ovando fundava a cidade de Santo Domingos, pretendendo introduzir uma cultura nova naquele espaço geográfico, principalmente a da cana de açúcar.

No decorrer do primeiro século de sua existência, após a presença européia, a ilha foi alvo de incursões de corsários e bucaneiros ingleses e franceses, como assim relata Cantu:

A inimizade comum contra os espanhóis e o desejo de enriquecer pelo latrocínio, reuniram estes piratas aos "bucaneiros"; eles então tomaram o nome de irmãos da Costa. Já uma quadrilha de franceses e de ingleses tinham ocupado em 1625 a ilha do espanhóis meteram-se a piratas, outros passaram a Tortuga, ilhota vizinha de São Domingos da qual fizeram seu empório e o centro de suas expedições (CANTU, 1964, p. 433).

⁴ Não se pode esquecer de mencionar a Igreja Católica, no que se refere aos aspectos políticos-administrativos, visto que ela desempenhou papel relevante também nesse setor, atuando de forma a equilibrar e garantir o domínio metropolitano.

A partir de então, os “ladroões dos mares” que ocupavam a parte noroeste de Hispaniola conseguiram obter a proteção da França, tendo a Espanha cedido estas terras em 1697, através do Tratado de Ryswick⁵ e pelo Tratado de Basiléia⁶ no ano de 1795, transferido a parte oriental, atual República Dominicana, aos franceses.

Desta forma, todo complexo insular de Hispaniola, que compreendia o Haiti e Santo Domingo, ficou em poder da França, em especial a parte mais rica da ilha. Essa anexação trouxe sérios prejuízos, por razão de Santo Domingo, a parte mais desenvolvida, ter sido submetida ao núcleo “civilizatório” mais atrasado, a parte sul da ilha do Haiti.

Com a Revolução Francesa, os princípios libertários responsáveis pela trilogia “Igualdade, Liberdade e Fraternidade” fizeram eclodir a mais significativa revolta escrava das Américas, a dos afrodescendentes haitianos, liderados por Toussaint Louverture e Jaques Dessalines, conforme assinala Toro:

O movimento revolucionário francês encontrou eco fácil entre a população haitiana cansada da escravidão e que se levantou em 1791, reclamando a abolição da escravatura. Isto foi obtido em 1794. O negro Toussaint Louverture, sendo sucedido por Dessalines (TORO, 1964, p.1446).

A parte de colonização espanhola da ilha aproveitou esta ocasião para voltar o domínio da Espanha, através de alguns dominicanos chefiados por Juan Sanchez Ramirez, em 1809. A partir desta data a autonomia de Santo Domingo sofreu consideráveis oscilações. “Daí em diante por cerca de 70 anos o país foi dominado por uma serie de ditadores” (TORO, 1964, p.1446).

Considerando as oscilações da autonomia de Santo Domingo, podemos avaliar como era tênue a sua soberania em relação ao Haiti, o que faz deprendermos a ausência da conscientização do seu povo e de uma unidade nacional, levada pela composição de sua maioria formada por mestiços, índios e escravos, em detrimento de uma minoria européia.

⁵ O Tratado de Ryswick foi assinado em 20 de setembro de 1697 e pôs fim à Guerra dos Nove Anos, na qual a França combateu a Grande Aliança. O tratado tem este nome por ter sido assinado na cidade holandesa de Ryswick (atual Rijswijk).

⁶ O tratado de Basileia foi assinado em 22 de julho de 1795, e marcou a pacificação entre a Espanha e a França. Este tratado cedeu à França a parte oriental da atual República Dominicana, e em contrapartida a França retirou suas tropas da Catalunha, de Navarra e de Guipúscoa.

No entanto, o mesmo não ocorria no Haiti, onde uma maioria expressiva de afrodescendentes, predisposta e irmanada, foi firme na defesa de sua soberania.

Em 1821 São Domingos conquistou a sua independência, no entanto foi um breve alento de autonomia, uma vez que, no mesmo ano, foi invadido pelos haitianos, sob a liderança de Boyer, que permaneceram a oeste da ilha até 1844. A partir de 1844 os dominicanos reconquistaram sua autonomia, como relata Toro: “Sob a direção de três patriotas: Juan Pablo Duarte, Sanches e Mella, os dominicanos conseguiram expulsar os invasores” (TORO, 1964, p. 1598).

Embora mais uma vez retomado seu próprio destino, o povo dominicano não se sentiu seguro de manter sua soberania, uma vez que o presidente Pedro de Santana solicitou a “proteção” da Espanha em 1865. Tal iniciativa veio frustrar os anseios do povo dominicano, pois o país voltou à condição de colônia. Segundo Toro:

O presidente Pedro Santana, herói da independência, teve a fraqueza, quinze anos mais tarde, de pedir o protetorado da Espanha. Esta restabeleceu o antigo governo colonial com todos seus abusos, e foi preciso que o povo dominicano retomasse a luta em 1865, para definitivamente reconquistar a liberdade (TORO, 1964, p.1598).

2.2. A Ilha Como Alvo da Política do Big Stick⁷

Dentro desta conjuntura, onde nações caribenhas jovens lutavam para conquistar ou manter as suas emancipações em face de mentalidade imperialista e expansionista européia, surgiu no próprio continente americano uma ameaça muito mais poderosa e opressora, a dos Estados Unidos.

Sobre a expansão desse país Caruso diz que

A primeira foi nas Malvinas, em 1831, seguida pouco depois da anexação de todo o estado mexicano do Texas em 1845, e da intervenção na guerra da independência de Cuba em 1898. Em 1903, o Panamá, que era uma província colombiana, foi desmembrado daquele país para que os Estados Unidos pudessem ocupá-lo permanentemente e construir ali um canal interoceânico. Ainda em relação com à América

⁷ O Big Stick (grande porrete) foi uma frase de efeito usada para descrever o estilo de diplomacia empregada pelo presidente estadunidense Theodore Roosevelt (1901-1909), como corolário da Doutrina Monroe, a qual especificava que os Estados Unidos da América deveriam assumir o papel de polícia internacional no hemisfério ocidental. As intenções desta diplomacia eram proteger os interesses econômicos dos Estados Unidos na América Latina. Estas idéias levaram à expansão da marinha dos EUA e a um maior envolvimento nas questões internacionais.

Central, Guillermo Toriello revela que entre 1895 e 1937, a Nicarágua sofreu 16 intervenções e nove invasões. As nações do Caribe não tiveram sorte diferente. O Haiti, por exemplo, esteve ocupado militarmente entre 1915 e 1931 e a República Dominicana foi governada por oficiais navais dos Estados Unidos entre 1916 e 1924. Porto Rico, ex-colônia espanhola, é desde 1896 um estado "associado" aos Estados Unidos (CARUSO, 1988, p. 11).

Quando do início do século XIX, sob a influência iluminista, muitas das colônias lutaram e conseguiram suas independências. Contudo, estas ex-colônias sofriam ameaças da Santa Aliança com o fito de retroagi-las à condição anterior. Foi neste cenário que, em "defesa" destas nascentes nações americanas, o presidente dos Estados Unidos, James Monroe (1817 e 1825), surgiu com a seguinte declaração: "América para os americanos". Esta expressão não se destinava nem representava os interesses para o continente americano, em detrimento das pretensões imperialistas européias, sua intenção maior era trazer os países americanos para esfera da influência dos Estados Unidos.

No entanto, foi durante a guerra Hispano-Estadunidense⁸ de 1898, por ocasião do afundamento do navio Maine, que os EUA passaram a intervir na política caribenha. Como resultado final foi promulgada na primeira Constituição nacional cubana a famosa Emenda Platt⁹ que foi uma precedente legal para os EUA intervirem quantas vezes achassem *necessárias* nos países caribenhos. De acordo com Caruso:

(...) e da intervenção na guerra de independência de Cuba em 1898. Deste último país os nortes americanos só saíram em 1902, depois que impuseram aos cubanos a emenda Platt, um acordo vigente em 1934, e que permitia quando necessário intervenções "legais" em Cuba (CARUSO, 1988, p. 11).

⁸ A Guerra Hispano-Estadunidense aconteceu em 1898, tendo como resultado o ganho do controle, por parte dos Estados Unidos da América, sobre as antigas colônias espanholas no Caribe e no oceano Pacífico. A guerra ocorreu em 1898, quando o navio militar USS Maine foi destruído em Havana, Cuba - então colônia espanhola. Os americanos, alegando que o navio fora sabotado pelos espanhóis, exigiu que a Espanha cedesse independência à Cuba. A recusa dos espanhóis causou o início da guerra. Esta teve fim em 12 de agosto. No Tratado de Paris, a Espanha cedia Cuba, Porto Rico, Guam e as Filipinas aos Estados Unidos. Cuba logo se tornaria um país independente, as Filipinas teriam sua independência em 1945, enquanto Porto Rico e Guam são até os dias atuais territórios americanos.

⁹ Em 1901 os cubanos foram persuadidos a incluir, em sua nova Constituição, uma Cláusula que garantia aos Estados Unidos o direito de intervenção em Cuba, sempre que os interesses dos primeiros estivessem ameaçados, mesmo após o término de sua ocupação militar, a ocorrer em 1902.

Assim sendo, ocorreu em 1907 uma intervenção fiscal à coletoria de impostos da República Dominicana. Para tal, os Estados Unidos da América utilizaram como justificativa o endividamento do país, ainda segundo Caruso: "(...) em 1907, ocorreu uma intervenção fiscal na República Dominicana, estabelecendo-se aí, pelos Estados Unidos, a coletoria de impostos" (CARUSO, 1958, p.152).

Começava, portanto, a se desenhar o quadro de intenções intervencionistas do Tio San, que no período de 1916 a 1924, ocupou militarmente a República Dominicana estabelecendo uma ditadura estrangeira que mais tarde iria lançar as bases para a ditadura nativa de Rafael Trujillo.

Observando o conteúdo da declaração facciosa, mencionada acima, de autoria do primeiro mandatário dos Estados Unidos, fica claro que as intenções da política estadunidense, embora se proclamassem guardiã da "democracia", era a submissão dos governantes caribenhos aos EUA.

Dentro desta conjuntura política continental, Rafael Leônidas Trujillo Y Molina em 1930, assumiu o governo da República Dominicana, sob a égide do presidente Franklin Delano Roosevelt. Iniciou-se, desta forma, uma gestão despótica, onde Trujillo administrou a República Dominicana como se fosse um feudo, contrariando todas as normas democráticas de governo.

A partir de então os EUA fizeram de Trujillo um títere, sendo de pleno conhecimento seus atos indecorosos, corruptos e prepotentes¹⁰. Segundo Caruso, o presidente Roosevelt comentava a política da boa vizinhança nos seguintes termos: "Bem se Samoza e Trujillo são uns filhos da puta, eles são os nossos filhos da puta" (CARUZO, 1998, p. 197).

Um dos fatores que contribuiu para o surgimento de ditadores latinos no continente americano foi a propalada "Guerra Fria", ou seja, a bipolarização mundial, orquestrada pelas duas maiores potências militares de então: Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

¹⁰ Tudo isso indica que Trujillo jogava um papel geopolítico de certa importância. E, na realidade, a cultura política trujillista possuía dois elementos fundamentais: era anticomunista e abrigava uma vocação panamericanista, porém, sem respeitar a mínima postura democrática no próprio território, naturalmente (EURICO, 1988, p. 160).

O clima mundial após a Segunda Grande Guerra (1939-1945) tornou-se tenso pela conquista de influências nos países ditos “periféricos” ou do “terceiro mundo”, era a luta pela hegemonia política das duas potências em evidência.

Dentro deste contexto político intervencionista e imperialista onde se apresentaram, de um lado, o capitalismo representado pelos Estados Unidos da América e, de outro lado, o socialismo ou comunismo representado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, ficara justificado para as potências dominantes, em especial os EUA, a conivência com governos ditatoriais e déspotas, desde que os mesmos permitissem vantagens capitalistas e repudiassem a política de seus antagônicos.

Trujillo se enquadrava neste perfil entreguista, governando a República Dominicana no período de 1930 a 1952. Para substituir o general Rafael Trujillo, cuja gestão abordaremos no segundo capítulo desta monografia, foi eleito seu irmão Heitor Trujillo, em 1957. Tendo este renunciado em 1960, foi substituído pelo vice-presidente Joaquim Balaguer.

Convém ressaltar que ambos governantes da República Dominicana eram completamente manipulados por Trujillo, que se auto cognominou “Benfeitor da Pátria”.

Foi neste caldeirão político-ideológico que ocorreu o assassinato do general Trujillo¹¹. Em 1961, o vice-presidente Balaguer foi mantido no poder apoiado pelos Estados Unidos, tendo renunciado a presidência em 1961, e substituído por Rafael Bonelly, em dezembro de 1962. Foram então realizadas pela primeira vez, desde 1930, eleições democráticas na República Dominicana.

O pleito democrático elegeu o professor Juan Bosch para presidente do país. No entanto, foi afastado do poder em 25 de dezembro de 1963, deposto por um golpe militar de direita que o substituiu por uma junta militar, que por sua vez foi substituído por um governo duo e que terminou nas mãos de Donald Reid Cabral

¹¹ O assassinato do general Trujillo, ocorrido a 30 de maio de 1961, pode ser considerado o marco inicial do processo revolucionário que resultou no movimento de 24 de abril de 1965. Foi eliminado por um grupo de conspiradores recrutados entre homens de elevada posição social e que consideravam a sua morte como um imperativo nacional, único meio de livrar o país da influencia tirânica do “Benefactor de la Patria” – como havia sido apelidado pelos seus áulicos - e ambiciosa clã familiar (MATTOS, 1967, p. 03).

Merece registro o fato que, na década de 1960, os países latino americanos passaram por um processo de aceleração econômica e, ao mesmo tempo, de endividamento, tendo sido a República Dominicana inserida no rol dos endividados e da estagnação econômica, estando assim na contramão desta euforia desenvolvimentista¹².

No ano de 1964, grandes manifestações eclodiram no país com o propósito de redemocratização. Este clamor popular era motivado também pelo aumento dos preços dos gêneros de primeira necessidade. Os protestos eram assoladores. Abrangiam todo o país no calor da refrega, como assim relata Caruso: "(...) grandes manifestações de rua na República Dominicana pela redemocratização do país e um protesto pelo alto custo de vida" (CARUSO, 1988, p. 08).

Em meio a este cenário, ocorreu em 24 de abril de 1965, uma revolta militar de cunho democrático e constitucionalista em Santo Domingos, com o sentido imediatista de recolocar o presidente deposto Juan Bosch¹³ no poder.

Esse movimento militar constitucionalista foi considerado pelo presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson¹⁴, de cunho comunista e influenciado por Fidel Castro, tido como agente soviético e com a missão de socializar o Caribe. Ante os fatos apontados, assim se expressa Mattos:

Entre os combatentes rebeldes, destacaram-se três estrangeiros: André Riviese, um aventureiro e combatente da Indochina e da Argélia, ex-membro do exército secreto anti degolista; Elio Capiz, italiano, ex-membro da Legião Estrangeira, especialista em técnica de "homem-rã", companheiro de Riviére desde a Indochina; Manoel Gonzáles, comunista, espanhol, veterano em táticas terroristas. As autoridades americanas divulgaram uma lista de 54 comunistas treinados em táticas de guerrilha e técnica subversivas em Cuba (MATTOS, 1967 p. 08).

¹² Os esquemas econômicos e políticos que sobrevivem ao trujillismo, com a ausência do chefe, não chegaram a desenvolver instrumentos políticos classistas e nem criaram dirigentes político e nem quadros capazes de herdar com eficiência o poder. Então, estes setores trujillistas que vão suceder com o golpe de 63, a Juan Bosch, cometerão erros que vão desde o aumento exagerado das importações à exarcebação do processo de endividamento externo, problema de negociação com o Fundo Monetário Internacional, políticas repressivas a nível dos sindicatos para conseguir o acordo salarial, repressão as organizações de bairro, etc. (CARUSO, 1988, p. 166).

¹³ "Não porque Bosch fosse comunista, que ele nunca foi comunista nem marxista, isso não é verdade Juan Bosch sempre foi o democrata burguês, e a única coisa a qual ele fez foi adaptar seu discurso e sua pratica pragmaticamente, as conjunturas que ele conduz, segundo sua posição seja forte ou débil" Cf. Caruso, 1988, p. 166.

¹⁴ A decisão do presidente Johnson de enviar tropas de seu país para invadir e ocupar a República Dominicana, sob pretexto inicial de salvar vidas de estadunidenses ali residentes e, posteriormente, o de evitar o estabelecimento de um novo regime comunista no continente (CARUSO, p. 61).

Sob esta ótica o presidente Johnson autorizou o desembarque das tropas militares estadunidenses, efetivando um ato intervencionista sem nenhuma consulta prévia aos países membros da Organização dos Estados Unidos (OEA).

O ato imperialista intervencionista dos Estados Unidos foi combatido por Fidel Castro em Havana que assim se expressou (Apud CARUZO):

Enquanto celebramos esta nova comemoração do Dia Internacional dos Trabalhadores na nossa Pátria, território livre da América, na terra irmã de Santo Domingo, ao mesmo tempo, está se escrevendo uma das páginas mais heróicas e mais formosas do povo dominicano, uma das ações mais vandálicas, criminais e vergonhosas deste século (CARUZO, 1988, p. 177).

Os estadunidenses, temendo a repercussão negativa da agressão a um dos componentes da organização dos Estados Americanos, pressionaram os demais membros da OEA a não só legitimarem a invasão, como também participarem da ação da violação da carta da OEA, que no seu artigo nº 115 prevê uma reação conjunta em defesa do país vítima da agressão.

Quando da resistência local perante a invasão dos Estados Unidos na República Dominicana, um grupo de jovens oficiais aderiu à luta (Movimento Constitucionalista), liderados inicialmente pelo Coronel Hernando Ramirez, tendo em seguida assumido o comando do movimento o Coronel Caamaño Deño. Eram todos de influência comunista e estavam apoiados pelos três partidos da extrema esquerda: Movimento Catorze de Junho (linha Castrista), Partido Socialista Popular Dominicano (linha Soviética) e Movimento Popular Dominicano (linha Chinesa), além dos partidos de esquerda moderada: Partido Revolucionário Dominicano e Partido Revolucionário Social Cristiano. Estas forças militares e políticas conspiraram para derrubar o presidente Reid Cabral, acusado de corrupção, e repor no governo o professor Juan Bosch, que havia sido deposto por um golpe militar liderado pelo general Wessin Y Wessin, em setembro de 1963, após nove meses de governo.

Em defesa da agressão ao povo da República Dominicana podemos citar o raciocínio de Fidel Castro (Apud CARUZO), ainda dentro do já citado discurso de Quatorze de Maio em Havana:

E por acaso Juan Bosch é ou foi alguma vez comunista? Nunca! O Senhor Juan Bosch não tem por que explicar que ele não é comunista. Porque ninguém jamais imaginou que ele fosse comunista (CARUZO, 1988, p. 180).

Continua o presidente cubano a estabelecer uma análise contraditória das acusações do presidente estadunidense Lyndon Johnson, nos seguintes termos:

E que oficiais dirigiram a rebelião? Um oficial cujo nome ouvimos falar pela primeira vez, um oficial chamado Coronel Caamaño Deño e, se mencionava outro oficial como chefe dos constitucionalistas. O Coronel Ramírez. Este oficial nunca foi comunista (CARUZO, 1988, p. 182).

As declarações supracitadas de Fidel Castro, embora se coloquem em suspeita a sua intencionalidade em negar a aproximação política da República Dominicana com o comunismo, condizem com outros historiadores que observam que de fato o Coronel Caamaño não era comunista.

No calor da refrega, os Estados Unidos intensificaram o intervencionismo na República Dominicana e buscou parceiros no Caribe e na América do Sul, conforme relata Caruzo:

Dentro deste contexto de política internacional e "esquerda e direita", as forças norte-americanas ignoram as argumentações e os protestos e intensificam a ocupação militar em Santo Domingo, ao mesmo tempo que conseguem algumas adesões dos países caribenhos e da América do Sul (CARUZO, 1988, p. 30).

No Caribe, aderiram ao plano intervencionista os seguintes países: Nicarágua, Costa Rica, Honduras; e na América do Sul: Brasil e Paraguai.

A invasão estadunidense atingiu seu ápice com o desembarque que chegou a totalizar quarenta mil homens, estando ainda aguardando outras forças que legitimariam a agressão a um país membro da Organização dos Estados Americanos. No calor da refrega, segundo Caruzo, o Movimento Constitucionalista dos militares e do povo dominicano, escolheu seu dirigente:

O povo identifica Caamaño como seu líder a medida que se vão dando os combates. É que isso faz com que no dia quatro de maio ele seja proclamado presidente da República pelo Congresso Constitucionalista que, apesar da guerra, continuava funcionando (CARUZO, 1988, p. 80).

Dentro das medidas diplomáticas colocadas em prática pelos Estados Unidos da América, destaca-se, segundo Mattos, “O esforço de legitimação da agressão à Santo Domingo os Estados Unidos” e “Em primeiro de maio, consegue instalar em caráter permanente, a Secretaria Geral da OEA, tendo à frente o Dr. José A. Mora. Os delegados da OEA iniciaram gestos de paz” (MATTOS, 1966, p. 07).

A resolução da Organização dos Estados Americanos iniciou então seu cumprimento de mobilização dos países membros com o feito de ratificar a ação agressiva dos Estados Americanos à República Dominicana. Assim sendo, os primeiros contingentes latino-americanos desembarcaram a quatorze e quinze de maio em Honduras, Nicarágua e Costa Rica. O destacamento precursor do contingente brasileiro desembarcou a 23 de maio e até 28 do mesmo mês todo o FAIBRAS (Força Armada de Infantaria Brasileira) se encontrava em São Domingos.

O envio do contingente brasileiro para intervir na República Dominicana representou um rompimento da política exterior do ex-ministro das Relações Exteriores do governo João Goulart, deposto pelos militares, Santiago Dantas, que apregoava a autodeterminação dos povos e com a tradição anticolonialista do Brasil. Sobre esta colocação política assim se expressa Mello:

Tratava-se da linha seguida durante os governos, Jânio quadros (março/agosto de 1961), João Goulart e Santiago Dantas (...). Por ocasião da independência do Brasil, José Bonifácio a esboçara de forma bastante correta, mas D. Pedro I, influenciados por Antonio Telles, submeteu-se ao legitimismo da Santa Aliança de Metternich e Gentz (MELLO, 1868, p. 45).

A decisão polêmica da participação do Brasil com o objetivo indiscutível de corroborar a agressão dos Estados Unidos da América num país membro da Organização dos Estados Americanos, era fundamentada na chamada “Guerra Fria”, cujo marco inicial foi a Guerra da Coréia em 1949, cujos efeitos nocivos aos povos em desenvolvimento foram catastróficos. Rodrigues assim expressa o posicionamento dos países do chamado “Terceiro Mundo”, partidários da política estadunidense:

A política exterior deu prioridade ao aspecto militar, impondo a segurança dos Estados Unidos sobre os interesses dos demais, condenando o não alinhamento, estabelecendo bases militares e invertendo o conceito geral de que a ameaça comunista das nações em desenvolvimento não era a agressão comunista de fora, mas a subversão interna, a guerra revolucionária (RODRIGUES, 1966, p. 232).

Convém ressaltar que o Brasil já participou e participa de várias missões militares no exterior (Primeira Guerra Mundial, Segunda Guerra Mundial, Suez no Oriente Médio, Timor Leste, África), mandando observadores avançados a vários conflitos europeus. No entanto, nunca foi tão polêmico, como na ocasião do envio das tropas da Força Armada de Infantaria Brasileira a Santo Domingo.

É dentro desta conjuntura da política exterior do Brasil que este trabalho acadêmico pretende desenvolver algumas análises no decorrer dos capítulos subsequentes.

3. A HISTÓRIA ROMANCEADA DO DITADOR TRUJILLO

Mas este povo me ama. Com a mesma desfaçatez e deliciosos de grandeza se defendem, há mais de cinquenta anos, os ditadores, civis ou militares, que tem barbarizado nossa América Latina com regimes em que a violência e a corrupção sempre ocultaram a incompetência (Wladir Dupont, 2000).

3.1. Um Romance Onde A Ficção e a Realidade se Aproximam

Partindo da articulação entre a História e a Literatura, pretendemos discutir a gestão ditatorial de Rafael Leônidas Trujillo Molina, cognominado "O Benfeitor¹⁵ da Pátria" ou "O Bode¹⁶"; uma obra para não esquecer das raízes, um romance que já é história.

O autor nasceu em Arequipa, Peru, em 1936, premiado e reconhecido por suas obras, é considerado um dos mais proeminentes representantes da literatura hispo-americana; professor universitário, articulista, acadêmico e ensaísta político. Vargas Lhosa, um clássico contemporâneo, relata o fim de uma trajetória ditatorial na República Dominicana.

Nesse sentido, tomamos como referencial a literatura através de análise do romance do escritor Mário Vargas Lhosa, intitulado "A Festa do Bode", que nos fornece subsídios para que, a partir da escolha de uma temática, possamos compreender a experiência ditatorial na República Dominicana.

Outro aspecto relevante foi nossa participação como membro do FAIBRAS (Força Armada de Infantaria Brasileira), na intervenção daquele país caribenho no ano de 1965.

Na qualidade de participante deste acontecimento internacional, permitiu-me identificar os fatos narrados no romance de Lhosa coincidentes com os depoimentos dos dominicanos, a respeito das atrocidades do ditador Trujillo

¹⁵ Benfeitor De La Pátria: apelidado pelos seus áulicos e de sua ambiciosa "clã familiar" (MATTOS, 1967, p. 03).

¹⁶ "O Bode": A festa do bode é uma comemoração popular difundida em vários países hispano-americanos, no qual se matam bodes, que são comidos assados, em meio a muita dança e bebida. Neste livro anuncia-se que o sacrifício do "bode", por meio de um atentado, converteu-se em uma festa, em que se celebra a libertação de um povo de uma longa e tenebrosa tirania (LHOSA, 2000, p. 08).

Molina, que governou sob a égide do presidente estadunidense Lyndon Johnson, por mais de trinta anos.

O livro focaliza uma personagem, Urânia, filha de um membro do alto escalão do governo Trujillo. Urânia que regressa a seu país após a morte do ditador, em 1961. Seu pai Augustin Cabral, ex-ministro e senador da República Dominicana de Trujillo que caiu em desgraça e se encontrava gravemente enfermo.

Urânia volta a Santo Domingos após uma década, nos EUA, quando ainda a capital do país se chamava cidade Trujillo, tendo agora retomado o seu nome histórico de Santo Domingos. Ela regressava não por seu pai, nem tão pouco por saudosismo das paragens, basta atentarmos para a narrativa de um diálogo seu com sua tia, e Urânia por ocasião do primeiro encontro no solo caribenho, vindo dos Estados Unidos onde se refugiou das perseguições Trujillistas:

Você o detesta? Você o odeia? Ainda? Não mais diz em voz alta. "Você não teria voltado se o rancor ainda estivesse queimando, a ferida sangrando, a decepção aniquilando envenenando você, como na sua juventude, quando estudar e trabalhar viraram remédios obsessivos para não lembrar" (LLOSA, 2000 p.12).

O objeto central desta narrativa diz respeito ao seu pai, o senador da República Dominicana Augustin Cabral, denominado "o cerebozinho", preocupado em não ser desprestigiado pelo ditador Trujillo, "o generalíssimo"¹⁷.

O senador Augustin Cabral, antes do seu retorno a república dominicana no período ditatorial trujillista, ofereceu ao Benfeitor da Pátria sua filha Urânia de quinze anos de idade, utilizando uma artimanha de encontro com o "Bode" no período ditatorial de 1961.

Procurava desta forma ignominiosa, se redimir das desconfiças do "Generalíssimo", que passara a considerá-lo suspeito o Senador Augustin Cabral, por sua amizade com o bispo Reilly¹⁸, a partir do momento político quando em 25

¹⁷ Assim cognominado por promover a matança em 1937 de quase vinte mil haitianos residentes em São Domingos que ameaçavam os empregos dos dominicanos e comprometiam os costumes culturais ocidentais hispânicos, pervertiam a religião católica com suas bruxarias (LHOSA, 2000, p. 13).

¹⁸ Tomas Reilly, bispo representante do Papa na República Dominicana, de nacionalidade Estadunidense.

de janeiro de 1960, em que este religioso havia se tornado um crítico ferrenho do ditador.

O autor, tendo como personagem principal Urânia, tece o enredo do romance em que emoldurou a figura Trujillo, revelando a pretensão de subserviência da sociedade dominicana, cuja coação era tão intensa que atingia os lares de todas as camadas sociais, assim narrada por Llosa: “Nesta casa, Trujillo é o chefe” (LHOSA, 2000, p.15). Este dístico era gravado em placa de bronze colocado no portal das residências ricas ou pobres.

Por estas particularidades podemos avaliar o quanto este governante pretendeu governando aquele povo, respaldado durante três décadas pelos Estados Unidos da América, cuja lealdade de Trujillo era incontestável. Basta pensarmos como exemplo o fato de que São Domingos foi o primeiro país latino-americano a declarar guerra contra a Alemanha e ao Japão na Segunda Grande Guerra.

Em fevereiro de 1961 Trujillo começou a sofrer pressão do então presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson, por perseguir e ameaçar o seu compatriota, o bispo dominicano Reily; que o incomodava nas suas pregações religiosas, tecendo críticas ao ditador, assim se expressa Llosa: “Só quando os homens de batina se assustarem é que deixarão de conspirar” (LLOSA, 2000, p. 27).

A ameaça era resultado da Carta Pastoral do episcopado quando então foi divulgada em 25 de janeiro de 1960, foi lida em todas as missas celebradas na circunscrição da Diocese de Santo Domingos, inaugurando a campanha da Igreja Católica contra o regime passando a ser naquele instante a única voz divergente.

O “benfeitor” levava uma vida de luxúria, extravagância e perdulário do uso do erário público em proveito de sua família, a exemplo da farra com o dinheiro da nação. Llosa narra as aventuras amorosas de seu filho Ramfis.

Comeu a Kin Novak! Comeu a ZsaZsa Gabor! Passou pela espada Debra Paget e meia Hollywood! Grande coisa! Presenteando-lhes Mercedes Benz, Cadillac e casacos de pele, assim até o louco Valeriano traçava a Miss Universo e Elizabeth Taylor (LLOSA, 2000, p. 28).

Trujillo gerenciou a República Dominicana como se fosse sua fazenda, levando uma vida luxuriosa. Foi alvo das críticas da Igreja Católica a partir de 14

de janeiro de 1960, após o assassinato das irmãs Mirabel, Minerva, Pátria e Maria Teresa Mirabel, o que fez repercutir o seu estilo de governar no exterior, daí seu ódio dos religiosos.

Para maior preocupação do ditador, o presidente da Venezuela Bitencourt¹⁹, um crítico feroz da sua ditadura, endossou apelos dos bispos dominicanos, conseguindo que em 25 de janeiro de 1960, a OEA (Organização dos Estados Americanos), punissem a República Dominicana que seus membros rompessem relações diplomáticas e aplicassem sanções econômicas que passaram a asfixiar o país.

O ditador planejou um revés ao episcopado dominicano e para isso contou com o serviço do Callies²⁰ chefiado pelo terrível Abbes Garcia, incorporado ao exército dominicano no posto de coronel.

Abbes Garcia²¹, já com serviço prestado ao “Generalíssimo” no exterior é também apresentado por Llosa, no romance assim analisado como segue:

O desaparecimento de Jose almonia foi só uma longa seqüência de operações brilhantes realizada pelo coronel, que mataram, aleijaram ou deixaram feridos dúzias de exilados, entre os mais vociferantes em Cuba, México, Guatemala, Nova Iorque, Costa Rica e Venezuela. (LLOSA, 2000, p. 75).

Ainda sobre o seu governo ouvi dos dominicanos, durante a minha estada naquele país, comentários que Trujillo obrigava o povo durante o período da feira internacional, tratar sua filha Angelita I como majestade, assim narra Llosa:

A Feira Internacional da Paz e da confraternização do mundo livre, Trujillo festeja a si próprio trazendo a Santo Domingo, a orquestra de Xavier Cugat, as coretas do lido de Paris, as patinadoras americanas do Ice Escapades, e construindo, nos oitocentos mil metros quadrados de recinto, setenta e um edifícios, alguns de mármores, alabastro e ônix,

¹⁹ Rômulo Betancourt era presidente da Venezuela (LHOSA, 2000, p. 72).

²⁰ Callies. Serviço de Inteligência Militar (LHOSA, 2000, p. 32).

²¹ Johnny Abbes Garcia: cruel, sádico, são adjetivos que costumavam acostumar o nome de Johnny Abbes Garcia. A fama foi de mau foi construída entre 1960 e 1961, período curto, porém intenso em que chefiou o Serviço de Inteligência Militar (SIM), órgão de espionagem e tortura de Rafael Trujillo, ditador da República Dominicana por três décadas. Durante sua chefia no SIM, foi responsável, além das torturas do que ele considerava inimigo do regime trujillista, em 1960 o atentado, ao então presidente, da Venezuela. Mais tarde após ter sido expurgado da República Dominicana liderou a invasão cubana e tendo 1963 envolvido no assassinato de Kennedy. (Texto MAIRA TEMERO – Super Interessante, edição fev. 2009, p. 262)

para abrigar as delegações dos quarenta e dois países do mundo livre que lá foram, um grupo de personalidade, entre os quais se destacavam o presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek (...) (LLOSA, 2000, p. 115).

Porém, tudo isso era passado. A realidade agora era a pressão diplomática que cada vez mais exigia mudanças de Trujillo. Sobre este e o seu governo Llosa observa que:

Trujillo Molina não era Batista, nem o porco de Perez Jiménez, nem o decrépito do Rojas Panilla, nem sequer o engomadinho general Perón. Ele não ia passar seus últimos anos como estadista aposentado no exterior. Viveria até o último minuto no país que graças a ele deixou de ser uma tribo, uma caricatura, e se transformou em república (LLOSA, 2000, p. 137).

Como se não bastassem às ameaças estadunidenses em 14 de junho de 1959, São Domingos sofreu uma precipitada e suicida invasão financiada por Cuba, que intencionava derrubar Trujillo e implantar o socialismo na República Dominicana.

A malograda invasão resultou no massacre dos invasores para decepção de Fidel Castro, que havia derrubado Fulgêncio Batista apenas seis meses. Além destas ações bélicas, o que mais incomodava era a impertinência da igreja católica, através da Pastoral dos Bispos denunciando a ditadura trujillista. Toda essa tensão fez Trujillo precipitar-se e eliminar as irmãs Mirabal. Eram três irmãs: Minerva, Pátria e Maria Tereza Mirabal²². Esta ação levada a cabo pelos agentes Trujillistas serviu como articuladora de um plano para derrubar o referido governo.

O “generalíssimo” não sabia da existência de um plano em andamento arquitetado dentro das forças armadas, que se preparavam para eliminá-lo. Dentro desta conjuntura político-social, o povo dominicano continuava intimidado pela ação violenta da ditadura aos opositores que contava com a omissão das elites. Sobre isto Llosa diz que:

“Eles tampouco”, pensou. Também os ricos, se quisessem continuar ricos, deviam se aliar ao chefe, vender-lhes parte de suas empresas ou comprar-lhes parte das dele e contribuir assim para a grandeza e poder do homem (LLOSA, 2000, p. 165).

²² As três irmãs Mirabal: Minerva, Pátria e Maria Tereza Mirabal, envolvidas no movimento de 14 de junho de 1959, que culminou com a invasão cubana em Santo Domingo, com o objetivo de derrubar Trujillo (LLOSA, 2000, p.137).

Não tão somente o povo e a elite econômica dobravam-se ao “bode”, como também os intelectuais dominicanos, pois assim narra Llosa:

No país, de uma maneira ou de outra, todos haviam sido, eram ou seriam parte do regime. O pior que pode acontecer a um dominicano é ser inteligente ou capaz. Ouvia certa vez Álvaro Cabral dizer “Um dominicano muito inteligente e capaz repetem para si próprio”; e a frase ficou gravada em sua memória. Porque então, cedo ou tarde, trujillo chamara esse cidadão para servir ao regime ou a sua pessoa, e quando chama, não aceita um não (LLOSA, 2000, p.165).

3.2. Início do Processo de Rachadura no Sistema Ditatorial Trujillista

Destarte, o feudo trujillista começava a rachar e a fenda responsável por esse desmoronamento estava na resistência do bispo Reilly. Convém ressaltar que a Igreja Católica Dominicana, durante quase todo período trujillista, foi beneficiada pelo governo do generalíssimo. Segundo Llosa:

Trujillo também conseguiu o mais caloroso apoio da igreja católica. E isto porque ele adotou um mecanismo inteligente, que nós conhecemos pelo nome de “concordato”. Isso consiste num sistema que permite uma série de conquistas para a igreja. Conquistas econômicas, conquistas sociais, influenciam sobre o sistema educacional. Os padres tinham direito a honorários fixos por partes do governo, doações, exonerações, isenções de impostos (LLOSA, 2000, p.206).

A Igreja Católica, em 25 de janeiro de 1960, agraciou com a Grande Cruz da Ordem Papal de São Gregório, concedida pelo Papa Pio XI.

O “Bode” recebeu esta comenda por haver exterminado em 1939 os imigrantes haitianos que residiam na República Dominicana e que ameaçavam a soberania nacional, como também, a religião católica com a prática do vodu, a macumba e superstições africanas.

No entanto, em um segundo momento, bastou que o clero dominicano alarmado com as atrocidades do seu governo, passou a criticar as atrocidades do “generalíssimo”, para que ele suspendesse todo esquema de apoio celebrado em 1954, em Roma.

Porém, o plano de eliminação de Trujillo proliferava exatamente no palácio do Bispo Reilly. Assim narra Llosa:

Vou matar Trujillo, Monsenhor. Haverá perdão para minha alma? A voz coadou-se. Permanecia com os olhos baixos, respirando ansioso. Sentiu sobre as costas a mão paternal do monsenhor Zanini. Quando, por fim, levantou os olhos, o núncio tinha nas mãos um livro de São Tomás de Aquino. Seu rosto, descontraído, oferecia um sorriso maroto. Um de seus dedos indicava uma passagem, na página aberta. Salvador inclinou-se e leu: "A eliminação física da besta é bem vista por Deus se com ela se liberta um povo" (LLOSA, 2000, p. 116).

A urdidura do assassinato de Trujillo estava sacramentada e o plano foi posto em prática em 30 de maio de 1961. O "Benefacto de La Pátria", alcunhada pelos áulicos e de sua ambiciosa clã familiar, foi executada. Assim narra Llosa: "Está morto, porra... vestido de verde oliva, o rosto destroçado, fazendo no asfalto um charco de sangue. A Besta morta!" (LLOSA, 2000, p. 218).

Consumada a conspiração, desencadeou-se na República Dominicana uma reação sanguinária sem precedente em represália a morte²³ do "generalíssimo". O "Bode" morreu. Os filhos de Trujillo, juntamente com os Caliés, torturavam, executavam e prendiam qualquer pessoa, bastava um simples indício de envolvimento no caso, sem nenhum amparo judicial, pois Trujillo era a própria lei.

O fantoche presidente em exercício, Joaquim Balaguer, naquele instante de terror nacional, surge em defesa do religioso ameaçado, o Bispo Reilly. O encontro decisivo foi realizado no Palácio Nacional entre os familiares de Trujillo e seus asseclas, sedentos por vingança e visivelmente decididos a executar Balaguer e os religiosos sob sua proteção.

Na ocasião, uma cena angustiante desenrola-se no palácio presidencial. Segundo Llosa, assim ocorreu:

Chegou a hora da verdade Balaguer – surgiu o bestial Petán, cuspidando saliva. Brandia a metralhadora portátil, ameaçados, e quase esfregou a arma em seu rosto. Ele não retrocedeu – chega de basbaquices e hipocrisia! Da mesma forma que Ramfis acabou com esses filhos da puta, vamos acabar com os que andam por ai soltos. Começando pelos judeus, seu anão traidor (LLOSA, 2000, p. 417).

²³ Em dia, pela tarde, o "chefe" saiu do automóvel, como fazia sempre, apenas em companhia de sua chofer. Então, Garcia Guerreiro, um militar membro de sua escolta, avisou ao grupo que Trujillo, iria partir a tal hora para São Cristobal e eles o esperaram. Já era noite quando divisam seu automóvel e o cercaram com vários carros. Trujillo resistiu com a arma na mão e feriu vários deles antes de cair fulminado (CARUZO, 1988, p. 2007).

O desfecho deste episódio certamente representaria ou o continuísmo ditatorial dos trujillistas ou uma intervenção militar estadunidense, a permanência de Balaguer, embora, comprometido com ambas as partes, significaria um processo capaz de evitar derramamento de sangue. No calor da discussão, Balaguer toma uma atitude que vai arrefecer o ímpeto dos trujillistas, assim expresso por Llosa:

Peço-lhe que me acompanhe General Petán – dirigiu-se depois a Héctor – o senhor também, por favor. Adiantou, e diante da janela, apontou na direção do mar. Era manhã radiante. Diante das costas, se viam bem nítidas, brilhando, as figuras dos três barcos de guerra americanos. Não dava para ler os nomes, mas apreciar os longos canhões da cruzada Little Rock, equipado com os mísseis de porta-aviões Vallex Forge e Franklin Delano Roosevelt, apontando para a cidade (LLOSA, 2000, p. 417).

Esta paisagem bélica estacionada no mar do Caribe representava a diplomacia dos canhões, considerada pelos estadunidenses a mais convincente de seus propósitos. O diálogo prosseguiu, agora bem mais favorável a Balaguer. Assim coloca Llosa:

Só estão esperando que os senhores tomem o poder para iniciar o bombardeio – disse o presidente, bem devagar – esperam que os senhores lhe dêem o pretexto para, de novo, invadir a República Dominicana. Querem passar a história como os dominicanos que permitiam uma segunda ocupação lanque de nosso país? Se quiserem isso, disparem e façam de mim um herói. Meu sucessor não estará sentado nesta cadeira nem uma hora sequer (LLOSA, 2000, p. 418).

Os trujillistas diante desta evidente ameaça estadunidense e levando em consideração o clima antagônico já reinante no país, capitularam os argumentos de Balaguer. Este, por sua vez, propunha, inicialmente, a manutenção da integridade física do Bispo Reilly, naquele momento presenciava os lances dramáticos, quando reféns dos filhos de Trujillo. Balaguer sugere o expatriamento dos familiares do “Bode” e dos seus seguidores.

Para tal, oferta vantagens financeiras e compensações generosas, além das quais eles já possuíam no exterior, fruto de remessas clandestinas em paraísos fiscais

Incontinente, todos concordaram, pois sabiam que contra a força estadunidense eles não tinham saída e com os benefícios do erário público dominicano eles levariam uma vida fausta no exterior.

O livro reproduz os acontecimentos político-sociais decorridos durante o período da ditadura trujillista, estabelecendo através de sua narrativa uma verossimelhança dos fatos e personagens. O relato é a montagem romanesca do autor, que utilizou com tanta propriedade o recurso literário para retratar a personalidade mórbida do "generalíssimo". Não se trata tão somente de uma ficção pura e simples, constitui fato verossímil de pleno conhecimento factuais, que estabelece um paralelo coincidente entre a História e a Literatura, permitindo uma associação empolgante da realidade e ficção.

Por outro lado, o autor denuncia o intervencionismo estadunidense e a omissão das entidades internacionais como ONU e OEA, que não só permitem, como também, se confraternizam com governos despóticos, uma verdadeira "Besta Humana" tudo em nome do monopólio capitalista e caprichos imperialistas.

Desprendemos que estas aberrações governamentais características das nações ditas do terceiro mundo ou periféricas, já existem em função de apiniguamento das elites dominantes de cada país subdesenvolvido em colúio com as grandes potências.

Podemos avaliar a atribuição significativa a literatura estabelecendo uma fonte historiográfica valiosa destinada a compreensão dos episódios políticos, econômicos e sociais das nações caribenhas.

4. FAIBRAS: UMA MISSÃO INTERVENCIONISTA

4.1. FAIBRAS: Uma Missão Intervencionista Brasileira e sua Relação com os Dominicanos

Ao invadir a República Dominicana, em 28 de abril de 1965, os Estados Unidos da América preocuparam-se, em primeiro lugar, em oficializar a violação a um país membro da OEA (Organização dos Estados Americanos), nos seus artigos 15 e 17²⁴. Para tal contou com a colaboração de países subservientes, desse continente entre os quais o Brasil.

A ruptura do acordo da OEA constituía prática corriqueira no que tange principalmente aos países caribenhos²⁵ e os EUA, cientes de sua impunidade e contando com seu poderio bélico não vacilaram nem um instante na sua iniciativa.

Desta forma, no dia 28 de abril de 1965, os EUA ocuparam militarmente a República Dominicana, ao mesmo tempo em que convocaram a X Reunião de consulta dos Ministros das relações exteriores das Repúblicas das Américas, em 06 de maio de 1965, ou seja, uma semana depois de consumada a violação do território dominicano.

Dentro desta conjuntura político-social dos países americanos, os estadunidenses convocaram os demais países a participarem do conflito, em nome de uma pseudo ameaça comunista que seria patrocinada por Cuba e em defesa dos norte-americanos residentes em Santos Domingos. Contudo, poucos concordaram com a ruptura do acordo previsto na Carta da OEA, apenas envolveram-se no conflito: Nicarágua, Costa Rica, Honduras, Paraguai e Brasil.

O Congresso Nacional brasileiro, sob a tutela dos militares, autorizou através do Decreto Legislativo número 38, de 20 de maio de 1965, e o efetivou, através do Decreto número 56.308, de 21 de maio de 1965, a criação do Destacamento

²⁴ De acordo com o capítulo IV, da Carta da OEA (Organização dos Estados Americanos). ART. 15: O direito que tem o Estado de proteger e desenvolver a sua existência não autoriza a praticar atos injustos contra outros Estados. ART. 17: Cada Estado tem o direito de desenvolver, livre e espontaneamente, a sua vida cultural, política e econômica. No seu livre desenvolvimento o Estado respeitará os direitos da pessoa humana e os princípios da moral universal.

²⁵ 1954 – Apoio à derrubada do governo da Guatemala. 1955 – Apoio à derrubada do governo da Argentina. 1961 – Tentativa de invasão de Cuba por exilados e mercenários financiados pela CIA. Presença de navios da guerra dos Estados Unidos da América: cruzador Little Rock, Porta-aviões Valley Forge e Franklin D. Roosevelt posicionando frontalmente ao Palácio do governo Dominicano, em apoio ao Presidente Balaguer. (OLIC, 1992, p.10).

Brasileiro (FAIBRAS – Força Armada de Infantaria Brasileira), passando a constituir um instrumento militar do poder político da Organização dos Estados Americanos e na ocasião, assim justificou o Chefe do Estado Maior das Forças Armadas do Brasil, o Tenente Brigadeiro Nelson Freire Laugnere Wanderley:

Dentro de um espírito de imparcialidade democrática, colaborar na reestruturação da normalidade na República Dominicana, na garantia da segurança de seus habitantes, na inviolabilidade dos direitos humanos e no estabelecimento de um clima de paz e conciliação que permitisse o funcionamento de instituições democráticas na dita República (MATTOS 1967, p. 05).

A área dominicana conflagrada fazia parte do complexo estratégico das Antilhas, já comprometida com a ruptura de sua unidade pela presença de Cuba socialista, após o desvio ideológico da revolução de 26 de julho de 1959 e o sucesso de Sierra Maestra, liderada por Fidel Castro.

Entendemos que um dos principais motivos que levou o governo militar do presidente Castelo Branco a decidir enviar o contingente brasileiro a compor uma força expedicionária solidária aos invasores estadunidenses foi, em primeiro plano²⁶, o apoio irrestrito aos princípios fundantes da ideologia anticomunista dos militares revolucionários de 1964.

O posicionamento ideológico do momento político diz respeito a bipolarização político-econômico-cultural do mundo²⁷, o Brasil cerrava fileira com os Estados Unidos da América. Porém e desse modo, estava comprometido com o sistema capitalista vigente; ligado umbilicalmente por meio do FMI (Fundo Monetário Internacional), cujo projeto desenvolvimentista dependente em alto grau.

O objetivo da missão belicosa da FAIBRAS, compondo a reboque das Forças invasoras estadunidenses na República Dominicana torna-se explicitado a

²⁶ O governo brasileiro apoiava a doutrina Johnson e por isso mesmo admitia a revisão dos conceitos de soberania e intervencionismo solidário com uma política anticomunista no continente (RODRIGUES, 1966, p. 198).

²⁷ Durante a Guerra Fria, a política mundial tornou-se bipolar e o mundo foi dividido em três partes. Um grupo de sociedades em sua maioria ricas e democráticas, lideradas pelos Estados Unidos, engajou-se numa competição ideológica, política, econômica e, as vezes, militar, com um grupo de sociedades comunistas um tanto mais pobres associados com a União Soviética e por ela lideradas. Grande parte do conflito ocorreu no Terceiro Mundo, fora daqueles dois campos, compostos por países que tinham recentemente se tornando independente e se diziam não-alinhados (HUNTINGTON, 1996, p. 20).

partir da observação sobre as palavras do próprio Comandante da FAIBRAS, que assim esclareceu: "A denominação Força Armada Interamericana, cuja sigla era FAI, foi substituída posteriormente pela OEA, para Força Interamericana da Paz (FIP) o que prevaleceu até o final do conflito (MATTOS, 1967, p. 13)".

Analisando a colocação do comandante brasileiro da FAIBRAS, depreendemos que a retificação denominativa do contingente interventor no Caribe, de FAI para FIP, se deu no sentido de atenuar o verdadeiro intento da ação bélica em Santo Domingos.

No entanto, tal esforço dissimulatório de permuta de sigla não foi suficiente para evitar que se tornassem evidentes as verdadeiras intenções da intervenção; sendo alvo de protestos internacionais²⁸, bem como de políticos e intelectuais brasileiros, tais como: Barbosa Lima Sobrinho, Maria Yeda Linhares, José Honório Rodrigues, Mário Pedrosa, Hermano Alves e Arthur José Poerner (Mello, 1998, p. 64 - 65).

Dentro dos princípios políticos ideológicos que contestavam a violação da soberania do país caribenho, questionavam-se dois posicionamentos alinhados com a política ideológica da bipolarização. No primeiro plano o avanço socialista liderado pela então URSS, cujo raio de influência ideológica abrangia considerável área na América Latina. Em segundo plano os EUA que desenvolviam uma política eminentemente capitalista e a qualquer sinal de ruptura desta diretriz preestabelecida para os membros da sua esfera de influência; era prontamente combatida e extirpada.

Entendemos que os princípios políticos bipolarizados em nada justificam o intervencionismo no país caribenho em questão, pois, antes de qualquer coisa, devia prevalecer à autodeterminação dos povos e, em última estância, as próprias normas que eram asseguradas pela OEA.

²⁸ New York Times de 04 de maio de 1965, "gastaram-se décadas para criar uma política de não-intervenção nos negócios internos das nações hemisféricas e será necessário tempo para sarar as feridas" (RODRIGUES, 1966, p. 198). A intervenção dos Estados Unidos em São Domingos, deixará marcas profundas no Sistema Interamericano e Política Externa Independente tratou de explorá-las, tanto o pastor Brady Tyson quanto do senador democrata William Fulbricht, como principal crítico da política externa estadunidense da época (MELLO, 1998, p. 67). Segundo declarou Fidel Castro os Estados Unidos agridem não só as normas mais elementares do direito, mas também a própria filosofia, as próprias idéias que dizem defender e isso apenas para defender os elementos mais reacionários, os elementos mais direitistas, os militares mais gorilas, os elementos francamente trujillistas de Santo Domingo (EURICO, 1988, p. 180).

A participação de tropas brasileiras no conflito foi alvo de críticas nacionais e internacionais, assim expressas por Caruso no seu livro "A Invasão Brasileira de 1965 e a Guerra de Santo Domingo" (CARUSO Apud FLORESTAN, 1988):

Não se pretendia espremer a laranja, mas também o bagaço. O estado pós-64 era essencial para promover a segurança da burguesia interna em suas relações com o capital financeiro mundial. Os militares brasileiros são peritos em geopolítica. O governo ditatorial só queria uma coisa: Mostrar-se um "aliado firme" nos quais as demais nações capitalistas pudessem confiar. Com a invasão ficamos com uma nodoa e um ultraje imperecível (...) (CARUSO, 1988, p. 21).

Vejamos a opinião de Fidel Castro que, no auge de sua política socialista, assim se pronunciou em Havana, no dia 1º de maio de 1965, logo após a invasão estadunidense; assim relata Eurico:

Segundo este critério não há soberania para nenhum país débil do mundo. Juan Bosch nunca foi e nunca será comunista, porém que é com os tanques? Essa agência de colônias chamada Organização dos Estados Americanos. O imprevisto, o incrível para os imperialistas foi o que o povo resistiu. Um elementar sentido de pudor obrigou a OEA a se reunir. Os EUA trataram de co-responsabilizar os demais governos latino-americanos, se os ianques vêem matar, também mereceu morrer. Absurdo seria se dissessem que os comunistas lutavam a favor dos invasores (EURICO, 1988.p. 175).

Vejamos agora a opinião do presidente eleito democraticamente, Juan Bosch, deposto por um movimento de direita pró-Estados Unidos da América; segundo Eurico: "Bosch disse que depois da Revolução Cubana nunca mais os nortes americanos iriam permitir uma revolução democrático-burguesa" (EURICO, 1988, p. 170)

A opinião de um ensaísta e historiador dominicano, Jose Antinoi Fialho, sobre a invasão caribenha de 1965, foi observada por Eurico:

Trujillo e sua ditadura foram heranças da invasão norte americana de 1916. Kenned considerou o assassinato de Trujillo. Juan Bosch tem uma concepção estética da política e a política não é a estética. Não era possível combater os movimentos de libertação com as armas nucleares (EURICO, 1988, p.155).

4.2. Brasileiros e Dominicanos: Uma Relação Possível

No Brasil, o clima político reinante era bastante tenso, o envio do contingente FAIBRAS era visto não como uma missão de restaurar a legalidade democrática de Santo Domingo e sim como uma intervenção espúria a uma nação amiga e integrante do continente americano. Constituía este ato político militar, um prolongamento dos objetivos imperialistas dos Estados Unidos da América.

Assim sendo, sob a égide do Congresso Nacional brasileiro, comprometido com doutrina americanista destinada aos países latino-americanos, em 29 de maio de 1965, partiu o contingente brasileiro FAIBRAS, cuja missão coadjuvante do exército estadunidense iria permanecer durante dezesseis meses no solo caribenho²⁹ (MATTOS, 1967, p. 23).

No entanto, se a FAIBRAS, no seu papel de força intervencionista, era alvo de críticas na imprensa falada e escrita no Brasil, por outro lado o seu desempenho junto a população dominicana não significou uma ameaça a integridade de sua gente.

A princípio ocorreu uma curiosa confusão quando os dominicanos nos confundiam com as tropas estadunidense isso ocorria por ser nosso material bélico semelhante aos dos EUA. Razão esta que aconteceu por conta da unidade selecionada para a missão RESI (Regimento Escola de Infantaria) pertencer, desde a sua criação por ocasião da segunda guerra mundial, a um acordo Brasil/Estados Unidos. Este acordo estabelecido durante o conflito mundial, quando o Brasil declarou guerra ao eixo (Alemanha, Itália e Japão), todo armamento e material logístico era fornecido pelos Estados Unidos. Tal acordo só encerrou após o movimento político-militar de 1964.

Assim sendo, o povo de Santo Domingo insultava a tropa dos EUA com a frase "GO HOME YANKC", tais palavras causavam aos estadunidenses sérios problemas de agressões aos dominicanos. Porém, quando o mesmo insulto era dirigido aos brasileiros estes se portavam indiferentes. Para melhor nos distinguir, os cariocas compuseram um samba "go home yankc" (traduzido pelos povos Dominicanos como: "vá embora yanq").

Outro acontecimento curioso que também despertou desconfiança dos habitantes de Santo Domingo foi o ritmo de nosso samba que era em 1821 muito

²⁹ O Destacamento precursor do contingente brasileiro desembarcou a 23 de maio de 1965, o final da missão data 23 de setembro de 1966 (MATTOS, 1967, p. 206 e 212).

parecido com o ritmo do "vudu", praticado pelos haitianos por ocasião da invasão do Haiti na República Dominicana.

Ainda mais acentuava esse temor o fato do alto grau de religiosidade cristã dos dominicanos. Por estes motivos os órgãos de imprensa de Santo Domingos passaram a omitir opiniões sobre o relacionamento com o povo caribenho, ao ponto da revista "Realidade", no seu primeiro número, publicar como manchete "Brasileiros Odiados em Santo Domingos". Tal impressão foi, posteriormente, retificada nas publicações posteriores.

A título de esclarecimento convém lembrar que a revista "Realidade" era comparável as revistas "Veja" e "Isto É", atualmente em atividade no Brasil. Para melhor corroborar esta observação posso declarar, na qualidade de integrante deste contingente FAIBRAS, que durante uma permanência no solo dominicano, quando dávamos uma escapulida "fuga laser", raramente éramos molestados, ao contrário, o povo dominicano nos considerava mais como um aliado.

Vejamos a declaração do próprio líder da resistência dominicana, o coronel Francisco Caamaño Demo, que combateu os EUA por ocasião da invasão no solo dominicano, assim descrito por Eurico:

Aqui os civis são muitos decididos, muito convencidos. Durante um terremoto, o minuto tem mesmo sessenta segundos. Não se dormia, não se comia, era Guerra em tempo integral. Sem a opinião internacional teria havia holocausto e não apenas massacre (EURICO, 1988, p. 37).

Esta citação vem corroborar com nossa declaração é que a presença do contingente brasileiro, mesmo na contramão dos princípios da auto determinação dos povos, no caso os dominicanos, permitiu conter a versão discriminatória dos estadunidenses para com os latinos, pelo simples fato da presença dos soldados brasileiros.

O contingente FAIBRAS assinalou sua presença efetivamente no solo dominicano, ao contrário das demais nações ali presentes (Guatemala, Paraguai, Costa Rica e Honduras). No Livro "Mujeres de Abril", sobre a guerra de 1965, em Santo Domingo, Eurico Apud Cordeiro comenta que:

Eu estava muito nervosa e falava alto, até que veio um oficial e me agarrou e me cobriu de bofetadas na frente de todo mundo. E eu reagia, tentava pegar o seu rosto, e então apareceu outro oficial, creio que chefe

daquele outro, e disse assim: deixa esta louca passar". Foi a única vez em que consegui distinguir um soldado de nacionalidade diferente da norte-americana, mas isso é pior ainda os outros não tinham nem identidade própria, apenas eram soldadinhos (...) dos norte-americanos (CORDERO, 1988, p. 66).

Este incidente insuspeito com uma dominicana audaciosa deixava claro que o FAIBRAS não era manipulado pela tropa estadunidense, ao contrário, agia independentemente do Exército do Tio San.

Ainda relatando o grau de intimidade que foi estabelecido pelos brasileiros com o povo dominicano, era comum ocorrer pequenos incidentes nos ambientes de lazeres como praias, bares e lugares públicos, entre dominicanos e estadunidenses. Em tais incidentes movidos por excessos alcoólicos, à postura dos brasileiros era sempre de se colocarem ao lado dos caribenhos.

Tal comportamento permitia o livre trânsito em todos estes estabelecimentos e lugares públicos de soldados brasileiros sem nenhuma escolta para protegê-los.

Ao contrário dos estadunidenses que, tão somente desfrutavam destes lazeres devidamente escoltados, mesmo assim, ainda eram molestados.

O fato pitoresco ocorrido nos últimos dias ocorridos comigo e alguns companheiros no solo dominicano, foi fruto de uma curiosidade. Existia uma área denominada "MATA HAMBRE", ou "mata fome", semelhante as nossas favelas do Rio de Janeiro, onde oferecia risco até para os da terra. Daí um grupo de oficiais e sargentos curiosos despertou a curiosidade de verificar aquela comunidade. Assim procedemos e adentramos no "MATA HAMBRE", quando fomos surpreendidos no interior desta "Favela" a figura de um Cabo do meu Pelotão, Cabo França, que se assustou com a nossa presença. O referido Cabo vivia maritalmente com uma dominicana proprietária de um dos bordéis do Mata Hambre.

Ao avistarmos foi logo nos tranquilizando: "Tudo bem, aqui eu sou o dono". Porém, esta missão brasileira não tão somente foram flores e aventuras, ela cumpriu de forma pacífica a determinação da OEA. Podemos assim nomear:

- Desmilitarização da área do Palácio Nacional;
- Isolamento de Cidade Nueva;
- Proteção à posse do Presidente provisório;
- Ocupação da Cidade Nueva;

- E posse do Governo eleito Balaguer.

Todas as missões acima citadas foram cumpridas pacificamente e sem nenhum incidente pela FAIBRAS. Tal fato só assim ocorreu, graças ao comportamento amistoso entre brasileiros e dominicanos.

Nesse sentido assim declarou Mattos, justificando a nossa amistosidade com o povo de Santo Domingos: "Eles não tinham nada contra os brasileiros, que os brasileiros e eram irmãos, por isso, tinham eles consentido na operação, acrescentando, dentro da tática divisionista que sempre tentaram desenvolver: que os inimigos eram os ianques" (MATTOS, 1967, p. 25).

No entanto fatos como estes, nem sempre foram pacíficos. Os dominicanos, em defesa do seu solo pátrio, agiram por inúmeras vezes de forma violenta e agressiva. A exemplo da noite de 29 de agosto de 1965, quando atacaram o acampamento brasileiro. Bem como em várias ocasiões fomos alvo desta reação, porém, a maioria destas ações não partiu, por incrível que pareça, de grupos de esquerda e sim da tropa do General Imbert Barreras, alinhado com os Estados Unidos.

Com o fito de diferenciar a atuação do FAIBRAS em Santo Domingo, citamos um incidente ocorrido com tropas estadunidenses. Por ocasião de uma manifestação de civis na Praça da Independência, na Capital da República Dominicana em 25 de setembro de 1965, tropas de Airborne (para-quedista estadunidense) disparou um projétil de Canhão 106 na multidão, composta na sua maioria por mulheres e crianças que dirigiam insultos as tropas ali estacionadas. O disparo de canhão vitimou mais de trinta manifestantes.

Manifestações similares a estas com a mesma intencionalidade, de insultar as tropas internacionais, também foram dirigidas aos componentes da FAIBRAS, e foram devidamente contidas sem nenhuma vítima ou massacre.

Talvez esse procedimento que o contingente brasileiro, mostrou em detrimento do caráter impopular considerado por razões óbvias pela opinião pública brasileira, veio atenuar o estigma intervencionista desta força expedicionária no Caribe.

A operação São Domingos constituiu-se não só numa missão de guerra, resultando apenas numa importantíssima experiência militar expedicionária das Forças Armadas Brasileira: Extrapolou esta destinação peculiar militar. A

FAIBRAS contribuiu significativamente com a cultura musical, quando durante sua permanência em solo dominicano divulgou o cancioneiro popular brasileiro.

O continente brasileiro conseguiu incluir na programação musical da Rádio e Televisão Dominicana cantores como: Jair Rodrigues, Elis Regina, Vinícius de Moraes, Tom Jobim e naturalmente, Roberto Carlos, naquela época estavam em evidência na mídia. Desta forma os dominicanos aprenderam cantarolar os nossos sambas e a FAIBRAS contribuiu, significativamente, para a nossa divulgação da cultura musical.

Finalmente, vejo-me no dever de registrar uma particularidade do serviço religioso, aos cuidados do Capitão Fuzileiro Naval e Capelão Militar da FAIBRAS. Ocorre que numa missão de risco, a exemplo de uma força interventora ainda mais distantes da Pátria, os soldados componentes do Contingente expedicionário, jovens na sua grande maioria (na faixa etária entre 18 a 19 anos de idade), sentiam os efeitos da ausência prolongada dos seus familiares.

O estado emocional dos integrantes da FAIBRAS, de uma forma geral era bom, embora que alguns dos seus componentes sentiam o mal dos escravos africanos na época do Brasil escravocrata: o "banzo". A vida sob clausura e tensão constante, era atenuada com o consumo de bebidas, músicas e algumas escapulidas amorosas, porém, não eram suficientes para aplacar o estado emocional. Para reduzir esse stress, nada melhor que, assistir as missas do Capelão brasileiro, o Padre Álvaro; este religioso foi de espírito ecumênico.

No desempenho das minhas atribuições como integrante da FAIBRAS, exercia as funções de segundo Sargento Adjunto do 3º Pelotão da 3ª Companhia de Infantaria. Adjunto de pelotão correspondia ao cargo de Sub Comandante tendo assim como missão responder pelo controle do efetivo e disciplina da tropa.

Recebi enquanto exercia esta função algumas reclamações dos soldados que não eram católicos; dos espíritas e dos evangélicos. Alguns destes militares declararam estarem muito nervosos. Um deles apresentava visível quadro de depressão, segundo seus companheiros, pensava até em suicídio. Todos os afetados pelos sintomas psicológicos supracitados, atribuíam a inexistência de guias espirituais de suas respectivas religiões. Incontinentemente, dirigi-me ao Padre Álvaro e relatei o fato, obtive uma surpreendente decisão daquele capelão militar. Assim, decidiu o Padre Álvaro, destinando três horários distintos, ou seja: missa,

culto evangélico e reunião espírita, porém, estes atos religiosos eram dirigidos pelo próprio Padre que, na ocasião de cada culto, ele se identificava e pregava os referidos evangelhos.

Essa atitude sacerdotal do Capelão militar, Padre Álvaro, não só me comoveu, como também permitiu tranquilizar espiritualmente os pracinhas expedicionários destacados na República Dominicana no período então analisado.

Um fato extremamente lamentável sucedeu no decorrer da minha estada no Caribe. Foi durante uma patrulha rotineira ao longo da Rua "Calle Duarte", quando então fui chamado por uma senhora. Ao me aproximar, ela convidou-me à adentrar em sua residência, mostrava-se aterrorizada e falava-me com um sotaque italiano. Relatou-me que estava sendo ameaçada pelos Los Tigres³⁰ (grupo comunista), pedia-me cobertura no seu deslocamento juntamente suas duas filhas até a Embaixada Italiana.

Narrou à referida senhora a razão das suas preocupações e assim justificou. "Meu filho era professor da Universidade de Santo Domingo, e, no transcorrer de sua aula, um aluno chamou sua atenção e, assim, se expressou: 'professor, o senhor foi julgado e considerado culpado. Incontinentemente, um outro aluno levantou-se e de arma em punho executou-o sumariamente, deixando os respingos de sangue no quadro-negro".

Ainda mais, disse-me a referida senhora, agora eles começaram a jogar pedras na minha casa e ameaçam-nos de execução. Perante o relato dramático daquela mãe, concordei em conduzi-la até a Embaixada Italiana; imediatamente aprontou a sua bagagem e solicitei apenas que ligasse para a Embaixada. Respondeu-me que o telefone havia sido cortado pelos "Los Tigres".

Cumpri minha missão e lamentei a maneira radical desta linha ideológica da forma covarde havia posto em prática seu objetivo. Este fato, não era um fato isolado, ele era uma constante das ações antiamericanista que predominou durante as escaramuças que precedia as decisões de apaziguamento internacional.

³⁰ Denominação dada pelos dominicanos aos combatentes pertencentes à facção comunista de linha cubana que ameaçava e executava os simpatizantes das tropas invasoras.

Todo este clima hostil que envolveu Estados Unidos da América e a República Dominicana constitui a política estadunidense de conservadora e irracional, não em defesa da soberania dos povos da comunidade latino-americana e sim em seus próprios interesses da manutenção da sua área de influência imperialista.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A defesa da soberania do povo dominicano e a participação brasileira neste processo foi o foco que procuramos centralizar neste trabalho. Partindo de uma pesquisa de cunho bibliográfico e também alcançados em nossa própria experiência, num momento histórico de relação internacional entre Brasil e São Domingos, pensamos em elaborar este texto, que acreditamos vir contribuir para discussões futuras no que concerne a ação intervencionista brasileira e norte-americana, representada pelos Estados Unidos naquele país da América Central.

Nossa preocupação foi referendar um período da história deste povo latino-americano face a uma época cuja realidade era de um sistema mundial bipolar, que, de um lado, tinha-se o socialismo e, de outro, o capitalismo em clima de guerra fria. Frente a estes acontecimentos, pensamos em discutir, fazendo uma interface com os estudos literários, acerca de um momento histórico, como já frisamos, importante da realidade histórica brasileira. Trabalhos, além da bibliografia indicada, para este estudo como a fonte do romance de Llosa, mostrando como se processou o episódio de São Domingos e fazendo uma articulação com o romance e a realidade vivida, no sentido de discorrer como se deu a ação de tropas brasileiras naquele país através da FAIBRAS, visto que, o Brasil enviou um contingente armado com o intuito de interferir nos anseios político-sociais daquela nação, assim decidiu, em razão de um ato de reflexo de sua política exterior.

Com o objetivo de esclarecer alguns aspectos ainda não discutidos daquele episódio e porque tivemos participação *in loco*, na época, objetivamos elaborar um texto que fosse misto de nosso saber experiencial e também de reflexões em torno da bibliografia que nos serviu de suporte. Nesta perspectiva, foram elaborados os três capítulos que versam sobre o fato. Esperamos assim, está contribuindo para a academia e para os estudos relativos à questão que envolve a história da América, traduzindo em um texto escrito nossa visão e percepção dos acontecimentos que marcaram a história de São Domingos e a participação do povo brasileiro, via ação de um segmento do exército.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGUSTE, Michel Héctor. La Formação Del Proletariado do Haiti. México: Popular, 1968. 94 p.
- BANDEIRA, Antonio Rangel. A Crise da Revolução Cubana. Rio de Janeiro: Moderna, 1994, 433 p.
- BOSI, Alfredo. Dialética da Colonização. São Paulo: Schwarcz, 1994. 44 p.
- CALMON, João. Duas Invasões. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966. V.1, 455 p.
- CHALIAND, Gerard. Mitos Revolucionários do Terceiro Mundo. Rio de Janeiro: F.Alves, 1977. 226 p.
- CHANU, Pierre. Historia da América Latina. Traduzido por Miguel Urbano Rodrigues. 6ª ed., São Paulo: Bertrand Bresil, 1960. 123 p.
- CARVALHO, Carlos Delgado de. História Diplomática do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1998. 408 p.
- CARUSO, Raimundo C. A Invasão Brasileira. São Paulo: Ícone, 1988, 208 p.
- DUSSEL, Enrique. O Encobrimento do Outro. Traduzido por James A. Clasen. Rio de Janeiro: Vozes, 1993. 196 p.
- GALENO, Eduardo. As Veias Abertas da América Latina. Traduzido por Galeno de Freitas. 32ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. 307 p.
- GOOF, Jacques Lê. A Nova História. Traduzido por Brandão, 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 427 p.
- HUNTINGTON, Samuel P. O Choque de Civilizações. Traduzido por M. H. C. Cortês. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996. 455 p.
- LLOSA, Mário Vargas. A Festa do Bode. Traduzido por Wladir Dupont. 2ª ed. São Paulo: Mandarim, 2000. 450 p.
- MATTOS, Carlos de Meira. A experiência do FAIBRAS na República Dominicana. Rio de Janeiro: IBGE, 1967. 215 p.

MAHN-LOT, Mariane. Retrato Histórico de Cristóvão Colombo. Traduzido por Lucy Magalhães. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. 163 p.

MELLO, José Octávio de Arruda. Cristianismo e Diplomacia. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1998. 112 p.

OLIC, Nelson Bacic. Geopolítica da América Latina. 8ª ed. São Paulo: Moderna, 1992. 96 p.

REIS, Dinarco. A luta de Classes no Brasil e o PCB. São Paulo: Novos Rumos, 1981. 176 p.

RODRIGUES, José Honório. Interesse Nacional e Política Externa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. 232 p.

SEED, Patrícia. Cerimônias de Posse na Conquista Européia do Novo Mundo (1492 – 16640). Traduzido por Lenita R. Esteves. São Paulo: UNESP, 1992. 279 p.

SOUZA, Osvaldo Rodrigues. História Geral. 12ª ed. São Paulo: Ática, 1976. 357 p.

TERMERO, Mário. O torturador do Caribe. Super Interessante. São Paulo: Abril, nº. 262, p. 41, fevereiro, 2009.

TORO, de Michel. Haiti e São Domingos. Traduzido por Alfredo D'Escragolle. Rio de Janeiro: Delta, 1964, v. 15, p. 1446 e 1598.

TORODOV, Tzuetan. Colombo e os Índios. A Conquista da América: a Questão do Outro. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 33 – 48.